

REPRESENTAÇÕES DO CONTINENTE AFRICANO E DA MULHER
NEGRA NOS CONTOS “NO SEU PESCOÇO” E “JUMPING MONKEY
HILL”, DE CHIMAMANDA NGOZI ADICHIE

MARCELA GIZELI BATALINI (DOUTORANDA)
Universidade Estadual de Maringá (UEM)
Maringá, Paraná, Brasil
marcelabatalini@hotmail.com

Dra. GENIANE DIAMANTE F. FERREIRA
Universidade Estadual de Maringá (UEM)
Maringá, Paraná, Brasil
gdferreira@uem.br

RESUMO: Analisam-se nos contos “No seu pescoço” e “Jumping Monkey Hill”, ambos da escritora Chimamanda Ngozi Adichie, as representações do continente africano, bem como das personagens negras, em especial a mulher, que rompem com padrões culturais e estáticos no campo da literatura. A fundamentação teórica se dá pelo viés dos Estudos Culturais, mais especificamente o pós-colonialismo e o feminismo, com autores(as) como: Brah (2002), Davis (2017) e Spivak (2010). Podemos compreender, em geral, que a percepção sobre o continente africano e seus habitantes ainda parte do binarismo e é estereotipada. Desta forma, tornam-se relevantes estudos que lancem luz a tais questões, que enfoquem a multiplicidade presente nesses espaços e no que se refere à identidade feminina.

Palavras-chave: Continente africano. Mulher negra. Contos. Adichie.

Artigo recebido em: 26 abr. 2019.
Aceito em: 29 maio 2019.

REPRESENTATIONS OF THE AFRICAN CONTINENT AND OF THE BLACK
WOMAN IN THE SHORT STORIES "THE THING AROUND YOUR NECK"
AND "JUMPING MONKEY HILL", BY CHIMAMANDA NGOZI ADICHIE

ABSTRACT: The short-stories “The thing around your neck” and “Jumping Monkey Hill”, both by Chimamanda Ngozi Adichie, are analyzed concerning representations of the African continent, as well black characters, especially the woman, that break with cultural and static patterns in the field of literature. The theoretical basis is provided by Cultural Studies, more specifically Postcolonialism and Feminism, by authors as: Brah (2002), Davis (2017), and Spivak (2010). We can understand, in general, that the perception about the African continent and its inhabitants continues to be ruled by binarism and is stereotyped. Therefore, studies that shed light on such issues, focussing on the multiplicity present in these spaces, as well as on feminine identity become relevant.

Keywords: African continent. Black woman. Short stories. Adichie.

INTRODUÇÃO

À margem da literatura considerada “oficial”, em um espaço periférico em relação ao cânone literário europeu, a produção de autores africanos vem ganhando maior enfoque nos últimos anos, sobretudo no que tange à mulher negra, duplamente marcada por preconceitos raciais e de gênero. Essas questões são trazidas à tona na literatura contemporânea, sobretudo pelo viés pós-colonial e as teorias feministas, destacando a importância das diferentes perspectivas, da multiplicidade de olhares e experiências, de essas vozes serem, realmente, ouvidas e valorizadas no campo literário.

Como reflete Gayatri Spivak (2010), não se trata meramente de uma substituição contestadora, de buscar falar em nome do outro com objetivo de expor suas agruras, sua cultura, uma espécie de benevolência, mas sim tornar-se agente, o direito de falar por si só, enquanto sujeito, como dono/a de uma história, ainda que omitida por longos anos. Isso é ainda mais problemático quando enfocamos a mulher, levando-se em conta as estruturas

FERREIRA, Geniane Diamante F.; BATALINI, Marcela Gizeli. Representações do continente africano e da mulher negra nos contos “No seu pescoço” e “Jumping Monkey Hill”, de Chimamanda Ngozi Adichie. *Scripta Uniandrade*, v. 17, n. 1 (2019), p. 77-94.

Curitiba, Paraná, Brasil

Data de edição: 07 jun. 2019.

patriarcais, as construções ideológicas de gênero que a relegaram a um lugar inferior, quando não à obscuridade histórica: apagadas, esquecidas.

O escritor nigeriano Chinua Achebe (2008) também tece algumas críticas ao etnocentrismo europeu na constituição do outro, a visão paternalista que perpetua, de certo modo, vestígios de colonialismo, dependência econômica, cultural e mesmo ideológica, não compactuando com o discurso que o relega ao lugar apenas de vítimas, mas indicando a necessidade de lutar, refutar tais construções estreitas e, não raro, preconceituosas.

Diante desses aspectos, são de suma importância estudos que contribuam para a visibilidade de tais produções, que apontem para as inúmeras dimensões que um texto de autoria feminina carrega em seu bojo. Assim, o presente trabalho tem por objetivo analisar questões inerentes à representação do continente africano (quais são as diferentes perspectivas pelas quais esses países são vistos), bem como da mulher negra nos contos “No seu pescoço” (“The Thing Around Your Neck”) e “Jumping Monkey Hill”, presentes na antologia publicada por Chimamanda Ngozi Adichie, em 2009, e traduzida por Julia Romeu, para a editora Companhia das Letras, em 2017, na qual o primeiro conto aqui citado dá nome à obra. Para embasamento teórico da análise pretendida, utilizamos autores/as como: Angela Davis (2017), Avtar Brah (2002) e Gayatri Spivak (2010).

Quanto à organização do artigo, iniciamos traçando algumas informações acerca da autora e de sua produção, a fim de propiciar uma melhor compreensão do corpus em questão, analisado em seguida, tomando como foco a representação da África e da mulher negra. Posteriormente, apresentamos as considerações finais e as referências bibliográficas para o caso de pesquisas ulteriores.

CHIMAMANDA NGOZI ADICHIE: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES ACERCA DE SUA TRAJETÓRIA E SUAS OBRAS

Faz-se importante, antes de iniciarmos a análise proposta, levarmos em conta algumas informações dirigidas tanto às produções de Chimamanda Ngozi Adichie, bem como à própria autora, a fim de compreendermos melhor o corpus em questão, inserindo-o em um contexto mais amplo.

Chimamanda Ngozi Adichie nasceu em Enugu, estado de Anambra, em 1977, mas cresceu com os outros cinco irmãos em Nsukka, cidade da Universidade da Nigéria, onde trabalhavam seus pais, de família igbo, James Nwoye, professor, e Graça Ifeoma, secretária da universidade. Contudo, devido

FERREIRA, Geniane Diamante F.; BATALINI, Marcela Gizeli. Representações do continente africano e da mulher negra nos contos “No seu pescoço” e “Jumping Monkey Hill”, de Chimamanda Ngozi Adichie. *Scripta Uniandrade*, v. 17, n. 1 (2019), p. 77-94.

Curitiba, Paraná, Brasil

Data de edição: 07 jun. 2019.

às constantes greves nas universidades, que dificultavam seus estudos, aos dezenove anos, ela se mudou para os Estados Unidos, onde concluiu, em 2001, a graduação em Comunicação e Ciência Política na Universidade de Connecticut. Em 2003, ela finalizou o mestrado em escrita criativa na Universidade John Hopkins, de Baltimore, e em 2008, o mestrado em estudos africanos na Universidade Yale, organizando, desde então, sua rotina entre os dois países: Nigéria e Estados Unidos.

A autora estreia na ficção com a coletânea de poemas *Decisions* (1997) e uma peça intitulada: *For Love of Biafra*, em 1998. Entretanto, passa a ser reconhecida, sobretudo, com a publicação do romance *Purple Hibiscus* (*Hibisco roxo*), em 2003, pelo qual recebeu o prêmio Commonwealth Writers Prize, 2005, referente ao Melhor Primeiro Livro. Sua obra *Half of a Yellow Sun* (Meio sol amarelo), 2006, venceu o Orange Broadband Prize voltado à ficção, em 2007, sendo adaptado para filme, lançado em 2014, com direção de Biyi Bandele. *Americanah*, obra publicada em 2013, também conquistou o Chicago Tribune Heartland Prize. No que tange à obra selecionada, *No seu pescoço* (*The Thing Around Your Neck*), coletânea publicada em 2009, Adichie adentra o universo do conto, a partir de narrativas curtas, mas que, de certo modo, se entrecruzam. Contemplam-se temáticas como a imigração, o preconceito racial, a opressão vivenciada pela mulher, os conflitos religiosos, políticos e as próprias relações familiares, temas bastante explorados em suas obras, buscando um olhar mais plural sobre o continente africano, lançando luz em estereótipos e conceitos pré-determinados sobre sua cultura e seu povo.

Como destaca Rafaella Teotônio (2014), a gama de personagens diferenciados, de variadas condições financeiras e graus de escolarização, a representação dos vários lugares de uma Nigéria composta pela diversidade, bem como o encontro com outras culturas e países corrobora na desmistificação dos estereótipos acerca das sociedades africanas, atreladas quase sempre ao exótico, ao atraso, à falta de recursos. Prioriza-se o discurso da diferença, propiciando ao leitor reflexões sobre velhos e novos problemas dessa sociedade, como sobre os presentes em outros contextos.

Tal postura crítica e política pode ser observada nos eventos de que Adichie participa, nas palestras que ministra. No evento promovido pela Technology, Entertainment, Design (TED), em 2009, a partir do título “The danger of a single story” (“O perigo de uma história única”), a autora chama a atenção para uma única visão sobre determinado lugar, cultura, crença, a construção do estereótipo africano como selvagem, menos capaz, a cultura como menos desenvolvida, morrendo em guerras sem sentido e de fome, uma história de “catástrofes” ou atrelada ao exótico, portanto como objeto de curiosidade ou comoção. A autora encerra a palestra destacando que

FERREIRA, Geniane Diamante F.; BATALINI, Marcela Gizeli. Representações do continente africano e da mulher negra nos contos “No seu pescoço” e “Jumping Monkey Hill”, de Chimamanda Ngozi Adichie. *Scripta Uniandrade*, v. 17, n. 1 (2019), p. 77-94.

Curitiba, Paraná, Brasil

Data de edição: 07 jun. 2019.

“histórias importam, muitas histórias importam. Histórias têm sido usadas para expropriar e tornar maligno, mas histórias também podem ser usadas para capacitar e humanizar” (ADICHIE, 2009, s/p.). Portanto, é imprescindível trazer à tona as estruturas de poder, levar-se em conta como são contadas e quem as conta, quais os critérios presentes.

Voltando-se mais especificamente à construção de gêneros, em evento promovido pela TEDxEuston, em 2012, sob o título “We should all be Feminists” (“Sejamos todos feministas”), Adichie traz reflexões sobre ser mulher na Nigéria e no cenário contemporâneo de modo geral, valorizando sua cultura, mas não deixando de lado a tradição patriarcal, a opressão ainda vivenciada pela mulher. Mais tarde, a fala foi publicada na forma de livro sob o mesmo título e traduzido por Cristina Baum para a Companhia das Letras, em 2014. Adichie chama a atenção para as limitações com que os gêneros são representados, a busca por uma essência feminina, as quais deixam de lado a pluralidade na identidade de mulheres e restringem seu lugar e papéis sociais: “O problema da questão de gênero é que ela prescreve como *devemos* ser em vez de reconhecer como *somos*” (ADICHIE, 2014, p. 10).

Esses aspectos evidenciam a importância da literatura, enquanto prática linguística, na disseminação de imagens sobre determinadas sociedades, que podem perpetuar preconceitos ou trazer novas visões sobre elas, reconhecer a pluralidade no que diz respeito às identidades, que ora se encontram, ora destoam, principalmente no que diz respeito à mulher, representada, não raro, a partir do olhar do outro, de construções limitadas, estereótipos. É nesse contexto que podemos situar Chimamanda Adichie e sua obra, lançando luz nessas questões por muito tempo silenciadas ou ignoradas no campo literário.

UMA ANÁLISE DOS CONTOS “NO SEU PESCOÇO” E “JUMPING MONKEY HILL”

A obra em questão trata-se de uma coletânea com doze contos, publicada originalmente em 2009, pela Fourth Estate, no Reino Unido, e pela Knopf, nos Estados Unidos, traduzida em 2017 para a língua portuguesa por Julia Romeu, pela Companhia das Letras. É a primeira publicação de Adichie abrangendo narrativas curtas, com histórias diferentes, mas que se encontram: a vivência entre duas culturas, preconceito racial, a opressão vivida pela mulher, os conflitos religiosos, políticos e familiares, mas também a diversidade e a pluralidade local, bem como o que se refere à identidade.

FERREIRA, Geniane Diamante F.; BATALINI, Marcela Gizeli. Representações do continente africano e da mulher negra nos contos “No seu pescoço” e “Jumping Monkey Hill”, de Chimamanda Ngozi Adichie. *Scripta Uniandrade*, v. 17, n. 1 (2019), p. 77-94.

Curitiba, Paraná, Brasil

Data de edição: 07 jun. 2019.

O conto que dá nome ao livro, “No seu pescoço”, possui um narrador em segunda pessoa, que busca evidenciar certo grau de proximidade com a personagem principal, Akunna, denominada sempre como “você”, bem como aproximar-se do leitor, diminuindo a distância entre os dois, desde o princípio do texto: “Você pensava que todo mundo nos Estados Unidos tinha um carro e uma arma; seus tios, tias e primos pensavam o mesmo” (ADICHIE, 2017, p. 125).

No que tange à diegese, trata-se de uma jovem nigeriana que viaja aos Estados Unidos em busca de melhores condições de vida, deixando em Lagos a mãe, que trabalhava como faxineira, o pai, motorista de uma construtora e três irmãos. Depois de conseguir o visto, é recebida por seu “tio” no aeroporto, irmão do marido da irmã de seu pai, que a matricula em uma faculdade comunitária, oferece moradia e alimentação em uma pequena cidade no Maine. Contudo, após uma tentativa de abuso sexual por parte dele, ela decide ir embora, chegando a Connecticut, a última parada do ônibus. Nessa cidade, Akunna precisa abandonar os estudos e passa a trabalhar em um restaurante, ganhando, entretanto, menos do que o padrão. É nesse local também que nota o interesse de um rapaz por ela, e, apesar das recusas iniciais, decide conhecê-lo melhor, um jovem americano que se interessava e buscava aprender mais sobre outras culturas, incluindo a africana. Mas a vivência dos dois é bastante diferente, destoa em muitos pontos: ele tem a possibilidade de escolher os caminhos a seguir; ela precisa lidar com as possibilidades propiciadas no novo país, sentindo-se desamparada e invisível em muitos momentos. Nas páginas finais, após receber uma carta da mãe comunicando a morte de seu pai, ela deixa o país rumo à Nigéria, deixando vaga a resposta a ele se realmente voltaria.

Percebemos que a viagem realizada pela personagem tem como motivação a busca por melhores condições financeiras no novo país, a possibilidade de estudar em uma universidade americana, a construção dos Estados Unidos como um local de bens materiais acessíveis a todos os indivíduos, como observamos no seguinte trecho: “Logo depois de você ganhar a loteria do visto americano, eles lhe disseram: daqui a um mês, você vai ter um carro grande. Logo, uma casa grande” (ADICHIE, 2017, p. 125). Podemos notar, a partir da comparação entre o visto e ganhar na loteria, a perspectiva de prosperidade que a acompanha, a sorte que preconizam, cabendo a ela simplesmente aproveitar a oportunidade e dar o melhor de si para alcançar tais objetivos.

Entretanto, morando no país há algumas semanas, Akunna passa a observar outra versão da realidade apresentada a ela, que não se referia apenas ao esforço empreendido pelo indivíduo, mas às desigualdades também instaladas no país. Pensa até mesmo em escrevê-los, contando que “os

americanos ricos eram magros e os pobres, gordos, e que muitos não tinham uma casa e um carro grandes”, sobre os “garotos pobres que tinha visto em Hartford” sobre “como as pessoas deixavam tanta comida nos pratos” (ADICHIE, 2017, p. 129, 136).

Como imigrante, as dificuldades são ainda maiores, as oportunidades limitadas, o salário menor, cuja necessidade a obriga a aceitar, pois havia deixado a casa do “tio” e precisava pagar suas despesas. Inicia o trabalho como garçoneiro em um restaurante em Connecticut, recebendo um dólar a menos “por fora”. O gerente, Juan, sabia que os imigrantes trabalhavam duro “mas não gostava de todos aqueles impostos que lhe obrigavam a pagar” (ADICHIE, p. 127). Nesse contexto, a expectativa de continuar os estudos se dilui, a cidade não possuía uma universidade comunitária e ela não tinha como pagar pelos créditos. Pensava em escrever novamente à família, mas “não havia sobre o que escrever” (ADICHIE, 2017, p. 128), não tinha dinheiro suficiente para comprar perfumes, roupas, bolsas e os sapatos que pediram, enviava o pouco dinheiro que conseguia. O que a faz sentir-se até mesmo culpada pela situação vivenciada, afinal “havia ganhado a loteria do visto americano”. Bastava aproveitar cada “oportunidade”, contudo elas não eram iguais. Tal como destaca Avtar Brah (2002), no que tange ao conceito de viagem, a lançar raízes em outro lugar, há a necessidade de considerar tanto as circunstâncias de partida, as condições socioeconômicas, políticas e culturais que marcam essas viagens como as de chegada, de estabelecimento no lugar. É necessário sempre considerar como um grupo é inserido nesse novo espaço,

de que maneira são situados através de uma ampla variedade de discursos, processos econômicos, políticas estatais e práticas institucionais; [...] como os regimes de poder operam para diferenciar um grupo de outro, para representá-lo como similar ou diferente; para inclui-lo ou excluí-lo das construções de “nação” e do corpo político. (BRAH, 2002, p. 182-183, tradução nossa)¹

Como observamos, Akunna consegue um trabalho, mas, com menos recursos, não consegue dar continuidade aos estudos, não se sente parte desse novo país. Sua inserção é vista mais como uma mão de obra lucrativa do que como o reconhecimento de seu lugar enquanto sujeito, de políticas que

¹“The manner in which a group comes to be ‘situated’ in and through a wide variety of discourses, economic processes, state policies and institutional practices [...] the regimes of power which operate to differentiate one group from another; to represent them as similar or different; to include or exclude them from constructions of the ‘nation’ and the body politic.” (BRAH, 2002, p. 182, 183)

corroborassem para sua efetiva participação na construção do conceito de “nação”. Há, portanto, uma distinção entre o “Nós” e o “eles” (não-americanos), em que determinadas comunidades ocupam uma posição ainda menos significativa, uma hierarquia na própria categoria imigrante, nítida nas representações acerca do continente africano, de sua cultura e identidade. Perguntas como:

onde você tinha aprendido a falar inglês, se havia casas de verdade na África e se você já tinha visto um carro antes de vir para os Estados Unidos. Olharam boquiabertas para o seu cabelo. Ele fica em pé ou cai quando você solta as tranças? Elas queriam saber. Fica todo em pé? Como? Por quê? Você usa pente? Você sorria de um jeito forçado enquanto elas faziam essas perguntas. (ADICHIE, 2017, p. 126)

Podemos observar nesse excerto não apenas uma “curiosidade” em relação ao continente africano, sua identidade, aqui relacionada ao cabelo; mas ao modo como é concebido e classificado hierarquicamente, tomando como centro o Ocidente, nesse caso, a América do Norte. A representação do diferente como sinônimo de “não-civilização”, “atraso”, “desleixo”, ou ainda atrelado ao “selvagem”, “exótico”: “alguns diziam que adoravam elefantes e queriam fazer um safári” (ADICHIE, 2017, p. 130). Na concepção do “tio” era algo esperado, tratava-se de uma mistura de ignorância e arrogância, vivenciada por ele também, pois, alguns meses após mudarem-se, vizinhos comentaram que esquilos haviam começado a desaparecer na região, “tinham ouvido falar que os africanos comiam todo tipo de animal selvagem” (ADICHIE, 2017, p. 126).

O discurso de uma nação plural, orgulhosa de sua “inclusão”, de bens acessíveis a todos os indivíduos, é aqui questionado, lançando luz, nas palavras de Brah (2002), a regimes de poder que operam para distinguir um grupo de outro, representações do diferente como sinônimo de inferioridade, sem perspectiva de progresso, e que se contenta com a “benevolência”, com a ajuda oferecida pelos países “mais desenvolvidos”.

Nesse sentido, ao conhecer um rapaz americano no restaurante, que demonstra interesse pelo país africano de onde ela viera, e que pergunta se ela era iorubá ou igbo, pelo seu nome, sem questionar em seguida o significado, ela surpreende-se, não aparentava ter um ar superior. Aos poucos vão se conhecendo, e embora ele já tivesse visitado Gana, Uganda e Tanzânia, goste de ler sobre os países subsaarianos e a leve até uma loja de produtos africanos, ela passa a enxergar nele uma postura mais condescendente do que realmente crítica e plural sobre outros países. Ele lhe conta sobre como tinha

ido a Mumbai e que agora queria ir a Lagos: “para ver como as pessoas de verdade viviam, tipo nas favelas, pois nunca fazia aquelas coisas bobas de turista quando viajava” (ADICHIE, 2017, p. 131). Em certa discussão, Akunna afirma que não gostaria que ele fosse à Nigéria, que a incluísse meramente “à lista de países que ele visitava para admirar-se com a vida dos pobres”, que ele estava errado em dizer que “só os indianos pobres de Mumbai eram indianos de verdade” (ADICHIE, 2017, p. 135-136).

Podemos ver, novamente, a construção da África atrelada à pobreza, ao atraso, mais como objeto de curiosidade e “compaixão” do que a partir de uma visão realmente múltipla, considerando-se sua heterogeneidade. Como se quisesse compensar seus problemas (na visão de Akunna, pequenos): a faculdade de direito, a recusa da viagem “na casinha de verão que tinham na costa do Quebec” (ADICHIE, 2017, p. 137), com situações piores, com dificuldades mais complexas. Somando-se a isso o olhar preconceituoso lançado aos dois quando estavam juntos:

Pela reação das pessoas, você sabia que vocês dois eram anormais – o jeito como os grosseiros eram grosseiros demais e os simpáticos, simpáticos demais. As velhas e os velhos brancos que murmuravam e o encaravam [...] os homens e mulheres brancos que diziam “Que casal bonito” num tom alegre demais, alto demais, como se quisessem provar para si próprios que tinham a mente aberta. (ADICHIE, 2017, p. 136)

A partir de tais situações vivenciadas, dos olhares lançados a ela, a protagonista sente-se distante do conceito de inclusão, como se estivesse ocupando um lugar que, na verdade, não é dela.

Akunna também precisa lidar com questões inerentes à representação dos gêneros, os vestígios de machismo que ainda se fazem presentes nessa sociedade. Logo nos primeiros dias em que chega aos Estados Unidos, sofre uma tentativa de abuso por parte do “tio”, na realidade irmão do marido da irmã de seu pai. Ele entra no porão em que ela dormia, “puxando-a com força para perto dele”, “apertando-a” e “soltando gemidos” (ADICHIE, 2017, p. 127). Como se em extensão à casa em que morava, seu corpo também pertencesse a ele, uma demonstração de poder e objetificação do corpo feminino. Ele lhe propõe que:

Se você deixasse, ele faria muitas coisas por você. As mulheres espertas faziam isso o tempo todo. Como você achava que aquelas mulheres com bons salários em Lagos conseguiam aqueles empregos? E até as mulheres em Nova York? (ADICHIE, 2017, p. 127)

Como afirma Angela Davis (2017), para as mulheres negras, o abuso, não raro, foi compreendido em termos de risco profissional. No período da escravidão, seus corpos eram concebidos sempre como posse tanto do senhor quando dos que o substituíam, alterando-se pouco desde então. Por isso, a autora destaca que a conscientização cada vez mais intensa "acentua a necessidade de mudanças socioeconômicas radicais que garantirão igualdade para todas as mulheres" (DAVIS, 2017, p. 83).

Nesse trecho da obra podemos observar, além da representação da mulher negra como corpo para o outro, objeto de prazer, que ela também é colocada como menos capaz intelectualmente, inferior em termos de competência e inteligência, e que "bons salários" e "aqueles empregos" só poderiam ser proporcionados por algum homem, tanto na Nigéria quanto nos Estados Unidos, como gratificação enquanto "propriedade".

Nas palavras de Bell Hooks (1984), enquanto grupo, as mulheres negras estão "em uma posição incomum nessa sociedade, pois não só estamos coletivamente na parte inferior da escada ocupacional, mas nosso status social geral é menor" (HOOKS, 1984, p. 14, tradução nossa)².

A protagonista não aceita essa situação, tranca-se no banheiro até ele subir e, no dia seguinte, foge, chegando a Connecticut. Mas tal fato deixa marcas em Akunna, acentuando ainda mais o drama vivido por ela, como observamos no trecho descrito após o ocorrido:

Ninguém sabia onde você estava, pois você não contou. Às vezes, você se sentia invisível e tentava atravessar a parede entre o seu quarto e o corredor e, quando batia na parede, ficava com manchas roxas nos braços [...]. À noite, algo se enroscava no seu pescoço, algo que por muito pouco não lhe sufocava antes de você cair no sono. (ADICHIE, 2017, p. 129)

Verificamos sua angústia frente a um futuro incerto nesse novo país: sentia-se "invisível", algo se enroscava em seu pescoço ("The thing around your neck"), quase a sufocando. Trata-se de uma mulher imigrante e negra, em um contexto que ainda a faz vítima de discriminações nessas esferas.

Podemos citar, portanto, autoras como Gayatri Spivak (2010), ao enfatizar a "dupla colonização" da mulher negra, a discriminação enquanto sujeito colonial e como mulher, relegando-a um lugar menor, ou mesmo a

² Versão em inglês: "As a group, black women are in an unusual position in this society, for not only are we collectively at the bottom of the occupational ladder, but our overall social status is lower..." (HOOKS, 1984, p. 14)

obscuridade, “apagada” historicamente, “esquecida”. O que traz à tona o conto de Chimamanda Adichie.

Contudo, Akunna não aceita a proposta do “tio”, não se contenta com a posição de objeto traçada por ele e foge, ainda que vivencie inúmeras dificuldades. Também escolhe retornar à Nigéria após a morte do pai, e embora o namorado se ofereça para pagar as passagens e acompanhá-la, afirma que precisava ir sozinha, sem dar certeza se realmente voltaria: “Você virou de costas e não disse nada e, quando ele a levou de carro ao aeroporto, você abraçou-o apertado por um longo, longo momento, e depois soltou” (ADICHIE, 2017, p. 138). O que parece demonstrar, então, uma preocupação consigo, com suas escolhas, ela decide se “soltar”, deixando o desfecho aberto a inúmeras possibilidades, à pluralidade na construção do sujeito feminino.

Como já colocado, “Jumping Monkey Hill” faz parte da mesma coletânea de contos intitulada *No Seu Pescoço*, de Chimamanda Adichie. A história contada é acerca de um grupo de escritores que se reúne em um hotel de luxo em um local fictício chamado Jumping Monkey Hill, que fica próximo à Cidade do Cabo, na África do Sul. A reunião é organizada por um senhor chamado Edward Campbell: um ex-estudante da Universidade de Oxford e ex-professor na Universidade da Cidade do Cabo. Todos os oito escritores convidados, à exceção de uma sul-africana, e do próprio Edward, são negros. A reunião tem o propósito de se configurar como um workshop com a duração de duas semanas, em que cada um escreverá um conto “autenticamente africano”, que será lido e revisado por todos e, ao final, todos os textos irão compor um livro.

A personagem principal do conto é Ujunwa Ogundu, uma escritora nigeriana, da cidade de Lagos, e a narração se dá em terceira pessoa, mas muitas falas da personagem são apresentadas como discurso direto, além de lermos o próprio conto escrito pela personagem, cujos trechos entrecortam a narrativa.

A rotina no workshop é a de se reunirem durante o café da manhã e almoço, escrever nestes intervalos e, após o jantar, os contos são lidos em voz alta por seu autor para todo o grupo, de forma que ele seja discutido por todos os escritores. Deste modo, a narrativa se dá acerca dos dias que Ujunwa passa no *resort*. Dois contos são lidos antes do dela e ambos são duramente criticados por Edward porque “[...] não refletiam a África de fato” (ADICHIE, 2017, p. 117). Por fim, o mesmo ocorre com o conto escrito por Ujunwa. Entretanto, apesar de ele não ter sido considerado plausível, ela revela que a história é dela própria, portanto, perfeitamente crível.

Num primeiro momento, já notamos que o trabalho de todos os escritores terá de passar por um crivo: o de Edward. Isso, em si, já é muito simbólico, visto que a aprovação vem de fora, do Outro, e ele é quem vai

avaliar se o texto é “autenticamente africano”. Embora nos primeiros dias a atmosfera tenha sido cordial e amigável, após as imposições por parte de Edward – não só à escrita, mas também ao local do evento, à comida e à bebida – percebe-se resistência surgida entre os escritores reunidos.

Diante da crítica negativa de Edward ao primeiro conto, da escritora do Zimbábue, ela não debateu e tudo o que “[...] fez foi tirar os *dreadlocks* da frente do rosto, fazendo com que os búzios batessem uns nos outros”. Apesar de o clima ficar nitidamente pesado, pois muitos escritores também se sentiram desconfortáveis com as observações de Edward, “todos ficaram em silêncio” (ADICHIE, 2017, p. 117). No dia seguinte, também não houve comentários a respeito do ocorrido e, no café da manhã, falaram sobre os ovos mexidos e o som das folhas das árvores.

Depois de lido o segundo conto, da escritora senegalesa, Edward afirmou que “[...] histórias daquele tipo não refletiam a África de fato” (ADICHIE, 2017, p. 117). Num impulso, Ujuwa pergunta: “Que África?”, e Edward olha para ela “[...] da maneira como alguém olha para uma criança que se recusa a ficar quieta na igreja.” A esse ponto, outros escritores já se mostram desconfortáveis até que a própria senegalesa “[...] explodiu em uma torrente de francês incompreensível e então, após um minuto de fala fluida, disse: “Eu *sou* senegalesa! Eu *sou* senegalesa!”. Em tom de ironia, Edward replica: “Acho que ela bebeu demais daquele excelente Bordeaux” (ADICHIE, 2017, p. 118), expressando total desimportância à fala da personagem.

A partir desse ponto, é visível a resistência contra Edward no conto por parte dos escritores. Eles diziam que a comida do resort era “simplesmente nojenta”. Outras palavras tiveram sequência e a protagonista não sabia quem dizia o quê, uma “reunião africana sem arroz, e por que cerveja era proibida no jantar só porque Edward achava que vinho era o correto, e que o café às oito era cedo demais, que se dane que Edward considerasse aquela a hora ‘certa’, e o cheiro do cachimbo dele era enjoativo [...]” (ADICHIE, 2017, p. 122) e assim por diante. O sul-africano permaneceu em silêncio e quando disse que “Edward era só um velho que não queria fazer mal a ninguém”, Ujunwa gritou: “É por atitudes desse tipo que eles puderam matar vocês, enfiar todos em *townships* e exigir passes para vocês andarem em sua própria terra!” (ADICHIE, 2017, p. 122).

Deste modo, vemos como ele é chamado a se juntar à resistência imposta por seus pares. Tal resistência é direcionada de forma a ruir a sistemática monolítica do (neo)colonizador, estando abarcados aí todos os tipos de injunções, desde o que comer e vestir, ao próprio comportamento em si.

A resistência se opõe à outremização que é “[...] produzida por meio de um processo contínuo que Bhabha chama de ‘repetição e deslocamento’ e isso

instiga uma ambivalência exatamente no local da autoridade e controle imperial” (ASHCROFT et al., 1989, p. 103, tradução nossa)³.

V. S. Naipaul, em seu romance *The Mimic Man* (1967), também fala sobre a aceitação da cultura imperial por parte do (neo)colono. Ele pode incorporar seus valores, expectativas e comportamento, enfim, todo o rizoma imperial, ou seja, a “contaminação” não ocorre apenas de cima para baixo, no movimento da metrópole para a colônia, mas também horizontalmente, por isso a convocação do sul africano a se posicionar contra a “colonização psicológica e subconsciente”, já que “isso vai produzir sujeitos coloniais ‘mais ingleses que os ingleses’” (ASHCROFT, 2001, p. 142, tradução nossa)⁴, aos quais Naipaul chamou de “*mimic man*”.

A história se passa na África do Sul e o ambiente em que estão vem ao encontro do que Unjuwa defende: “*discretas negras* faziam a cama, limpavam a banheira elegante, passavam aspirador de pó no tapete e deixavam flores silvestres nos vasos artesanais”, enquanto “uma *loira* sorridente” (ADICHIE, 2017, p. 105, 107, grifos nossos) é quem recebia os hóspedes. Ainda, Edward havia escolhido tal *resort*, pois era onde ele passava os fins de semana quando era professor na Universidade do Cabo. Lá, os escritores do *workshop* observaram “[...] como os outros hóspedes de Jumping Monkey Hill – todos brancos – olhavam desconfiados para os participantes” (ADICHIE, 2017, p. 118).

Todas essas formas de invasões acima descritas são impostas por Edward – o Outro – aos escritores africanos – os outros. Ocorre, entretanto, que o texto também é permeado por outro tipo de invasão: a do homem sobre a mulher. Neste caso, isso se torna ainda mais flagrante, pois o homem é branco e a mulher não é, como sabemos, há paralelos entre a violência sexual contra as mulheres como indivíduos e a violência (neo)colonialista contra povos e nações (DAVIS, 2017). Edward lança olhares e comentários lascivos às personagens femininas e uma delas reflete que ele “[...] jamais olharia daquele jeito para uma mulher branca” (ADICHIE, 2017, p. 119).

Desde o princípio, a personagem Unjuwa sofre com o assédio de Edward. Mas no começo, ela “[...] tentou não notar que Edward muitas vezes observava o seu corpo, que seus olhos nunca ficavam fixos em seu rosto, mas sempre um pouco mais para baixo”. Em um dado momento, sendo educada e querendo dar lugar a Edward para se sentar, perguntou-lhe se ele queria que

³ Versão em inglês: “[...] produced by a continual process of what Bhabha calls ‘repetition and displacement’ and this instigates an ambivalence at the very site of imperial authority and control”. (ASHCROFT et al., 1989, p. 103)

⁴ Versão em inglês: “this will produce colonial subjects who are ‘more English than the English’”. (ASHCROFT, 2001, p. 142)

ela se levantasse para ele, ao que ele responde: “Gostaria muito que você se deitasse para mim” (ADICHIE, 2017, p. 116). No entanto, as investidas de Edward também são contra outras mulheres do grupo. Em certa ocasião, no café da manhã, ele disse à escritora senegalesa “que sonhara com seu umbigo nu” (ADICHIE, 2017, p. 121).

Interessante notar que o conto escrito por Unjuwa mostra uma personagem feminina que tem experiência semelhante. É relevante observar que, ao escrever seu texto, ela hesita sobre como vai se chamar sua personagem, se usará um nome comum ou exótico. Ela opta pelo nome comum – Chioma. Ao tomar tal decisão, podemos entender que a personagem de seu conto, assim como seu nome alude, passará por circunstâncias também comuns a muitas mulheres: o assédio no trabalho.

O conto é, assim, a história da personagem Chioma, que está procurando emprego e, em sua primeira entrevista, o homem se posta atrás dela e “[...] passa os braços sobre os ombros dela para apertar seus seios” (ADICHIE, 2017, p. 110). Diante da repulsa de Chioma, ela não é contratada. Mais tarde, é contratada por um banco para trabalhar com marketing, ou seja, obter novas contas.

Desta forma, ela vai visitar seu primeiro cliente em sua casa, com a colega de trabalho Yinka. Ele é um homem que vive em uma mansão com mordomos, entre outros funcionários. Ao chegarem, ele já pede que Yinka sente no seu colo. Depois de diálogos de duplo sentido, ele convida ambas para os aposentos da casa, dizendo que quer mostrar alguns perfumes que comprou em sua última viagem a Londres. Chioma, desde o início se sentindo desconfortável, não os segue até o quarto, ao contrário, sai da casa e corre até a rua, onde toma um táxi para o escritório do banco para pegar seus objetos.

Como dissemos, os trechos do conto aparecem entrecortando a primeira narrativa. Interessante notar que, quando Chioma está na sala da casa do cliente, já se sentindo incômoda com aquele assédio, essa narrativa é interrompida e volta-se ao espaço do hotel, exatamente quando Unjuwa realiza que, de fato, Edward tem lançado olhares sensuais para ela.

Também é relevante o fato de o conto escrito por Unjuwa falar da mãe da personagem Chioma, que foi traída pelo marido, mas não tomou o caminho das amigas que perdoam e “imploram para que o marido volte pra casa”. Ela apenas diz “Já chega” (ADICHIE, 2017, p. 115). Essa parece ser a explicação do comportamento de Chioma frente às investidas que recebe por parte dos homens. Adichie, sendo não só escritora, mas também ativista, mostra que a educação é a principal chave para a quebra deste padrão. Prova disso é o livro *Para educar crianças feministas*, que, assim como *Sejamos todos feministas*, também é resultado de uma de suas palestras no TED.

Em certo ponto, assim como Chioma repele tais assédios, Unjuwa

[...] sentiu uma aversão a si mesma explodindo na boca de seu estômago. Não devia ter rido quando Edward disse “Gostaria muito que você se deitasse para mim”. Não tinha sido engraçado. Nem um pouco. Ela havia odiado a frase, odiado o sorriso de Edward, [...] assim como odiava a maneira como ele sempre olhava para os seus seios e não para o seu rosto, a maneira como seus olhos escalavam todo o seu corpo, e, no entanto, se obrigara a rir como uma hiena enlouquecida. (ADICHIE, 2017, p. 119)

Por outro lado, há ainda uma espécie de denúncia de como esse padrão pode, ao contrário, ser perpetuado: “Chioma disse que queria estudar literatura na universidade, ele [o pai] disse que não era viável. Ele usou exatamente essa palavra: ‘viável’” (ADICHIE, 2017, p. 120).

De fato, a narrativa de Chioma se confunde com a de sua autora, Unjuwa e, ao fim, ela própria declara ser sua aquela história. Logo no início do conto, ao ser perguntada se havia tirado licença do trabalho para participar do workshop, ela afirma que “[...] tinha perdido o emprego logo antes de sair de Lagos – um emprego num *banco* [...]” (ADICHIE, 2017, p. 107, grifo nosso), o que se constitui como um “prenúncio” do desfecho de ambos os contos.

Assim, vemos a riqueza de “Jumping Monkey Hill”, que aponta para tantas críticas e de forma profunda: a invasão da cultura e da mulher negra. O conto mostra que ambas são ainda persistentes no continente africano denunciado em todo o texto; em determinado momento, o escritor Joseph Conrad é mencionado. Não se fala sobre que livro dele estão conversando, mas fica subentendido que é *Heart of Darkness*, obra que retrata a África, como o próprio título sugere, como local de escuridão – no sentido metafórico – e que precisa que a ele seja levada luz – também no sentido metafórico – pelas mãos dos europeus. Isso fica claro quando deboçam da obra: “Ujunwa começou a dar pulos, balbuciando coisas sem sentido para imitar os africanos de Conrad [...]” (ADICHIE, 2017, p. 112).

Vemos, portanto, como os estereótipos são solapados no conto. A África “autêntica”, a qual preconiza Edward, é também estereotipada. Ele não consegue receber a verdade por parte dos próprios africanos, ao contrário, quer ratificar suas teorias. Como Said afirma, “[...] o que o orientalista faz é *confirmar* o Oriente aos olhos de seus leitores; ele não tenta, nem quer desestabilizar convicções já firmes” (2007, p. 105, grifo do autor). O olhar europeu ainda se debruça sobre a África apenas com curiosidade pelo exótico. No hotel, “[...] turistas estrangeiros ricos corriam de um lado para o outro tirando fotos de lagartos, para depois voltar para casa ainda sem ter muita

consciência de que, na África do Sul, havia mais negros do que lagartos de cabeça vermelha” (ADICHIE, 2017, p. 105). Edward, como personagem representativo de muitos europeus brancos, não vê que, como Conrad colocava, a África não é apenas uma “*hill*” com “*jumping monkeys*”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Vemos que Adichie busca narrar a África com sua heterogeneidade, em detrimento à visão homogênea e, não raro, pejorativa atrelada até então ao continente, bem como a multiplicidade de identidades que ora se encontram, ora se destoam, além da pluralidade na construção da mulher enquanto sujeito.

Sua literatura é, assim, pós-moderna e, portanto, questionadora, algo típico do pós-colonialismo, pois há dúvida quanto às distinções binárias impostas. Sua estética está ligada à dúvida ontológica em que os limites entre as culturas são tênues e a solidez de pressupostos tomados como verdade é questionada. Valores físicos e definitivos, lugares pré-determinados e seguros, ideais de controle, regularidade e previsibilidades têm seus pilares abalados. Há rompimentos das grandes totalizações, o deslocamento da cultura europeia e o abandono de toda referência a uma origem, a um centro. Então, as metanarrativas são criticadas e acabam por perder validade e legitimidade.

Como afirma Davis (2017, p.166), a arte pode operar como “sensibilizadora e catalisadora”, estimulando as pessoas a integrarem movimentos que objetivam provocar mudanças sociais profundas. A arte é especial devido sua capacidade de influenciar “tanto sentimentos quanto conhecimento”.

Esta é a importância de obras e autores que questionam, pois além de serem expressão artística literária de alto nível – dado seu reconhecimento e os prêmios recebidos – têm um cunho social.

REFERÊNCIAS

ACHEBE, C. A voz incômoda da não vitimização africana. *Novo Jornal*, Luanda, abril 2008 (impresso).

ADICHIE, C. N. *No seu pescoço*. Trad. Julia Romeu. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

_____. *Sejamos todos feministas*. Trad. Christina Baum. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

FERREIRA, Geniane Diamante F.; BATALINI, Marcela Gizeli. Representações do continente africano e da mulher negra nos contos “No seu pescoço” e “Jumping Monkey Hill”, de Chimamanda Ngozi Adichie. *Scripta Uniandrade*, v. 17, n. 1 (2019), p. 77-94.

Curitiba, Paraná, Brasil

Data de edição: 07 jun. 2019.

_____. The danger of a single story. Miniconferência promovida pela Technology, Entertainment, Design (TED), jul. 2009. Vídeo 19 min. Disponível em:

<https://www.ted.com/talks/chimamanda_adichie_the_danger_of_a_single_story>. Acesso em: 15 dez. 2018.

ASHCROFT et al (org.). *The Empire Writes Back*. London: Routledge, 1989.

_____. *Post-Colonial Transformation*. London: Routledge, 2001.

BRAH, A. Diaspora, border and transnational identities. In: BRAH, A. *Cartographies of Diaspora: contesting identities*. London: Routledge, 2002.

DAVIS, A. *Mulheres, cultura e política*. São Paulo: Boitempo, 2017.

HOOKS, B. *Feminist theory: from margin to center*. Boston: South End Press, 1984.

SAID, E. *Orientalismo*. Trad. Rosaura Eichenberg. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SPIVAK, G. C. *Pode o subalterno falar?* Trad. Sandra Almeida; Marcos Feitosa; André Feitosa. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

TEOTÔNIO, R. C. A. Chimamanda Ngozi Adichie: por outras histórias da África. *Revista LitCult*, v. 8, n. 1, 2015. Disponível em: <<https://litcult.net/2014/12/23/chimamanda-ngozi-adichie-por-outras-historias-da-africa/>>. Acesso em: 10 dez. 2018.

MARCELA GIZELI BATALINI é mestre em Letras, área de concentração: Estudos Literários, pela Universidade Estadual de Maringá (2014). Atualmente, é aluna regular do Doutorado em Letras da Universidade Estadual de Maringá, na linha de pesquisa: Literatura e Construção de Identidades, com trabalhos que contemplam as temáticas: literatura de autoria feminina e pós-colonialismo. Integra o grupo de pesquisa: “Multiculturalismo em perspectivas pós-coloniais” (UEM) desde 2017. Tem experiência no ensino superior, como professora adjunta, em disciplinas referidas à sua formação.

GENIANE DIAMANTE F. FERREIRA é mestre em Letras pela Universidade Estadual de Maringá (2009) e doutora em Letras pela mesma instituição (2018). Atualmente, é professora da Universidade Estadual de Maringá (UEM), atuando como professora e pesquisadora de Literatura em Língua Inglesa e Tradução no Departamento de Letras Modernas. Desenvolve pesquisa em Literatura Pós Colonial, área em que defendeu sua dissertação de mestrado sob título “Resistência, subjetividade e identidade do sujeito negro em *Crossing the River*, de Caryl Phillips”, bem como seu doutorado, com a tese sob título: “Lagos Na América: A Representação da Mulher de Terceiro Mundo na Diáspora em ‘Americanah’ e ‘The Lowland’”.